



Os Instrumentos do Canto

Naomi Silman // LUME

Qual é nossa busca principal como artistas? O que une os distintos artistas nesta busca?

Recentemente, em uma visita a Israel, eu me senti privilegiada em poder ver ao vivo, no palco – como parte do seminário internacional “Klezmer Clarinets in Tzfat”, que uniu especialistas em música clássica, jazz e klezmer – o mestre do clarinete, uma lenda viva, Giora Feidman.

Maestro Feidman encabeça um renascimento internacional do Klezmer, “música tradicional judaica”, que é para ele, não só um estilo musical ou pesquisa histórica, mas uma abordagem especial da música e da representação. “Klezmer” deriva de duas palavras hebraicas “kli” e “zemer”, que significam literalmente “instrumento do canto” e era o termo usado para os músicos, desde os tempos do Rei Davi, o salmista, que tocavam nas festividades das comunidades judaicas ao redor do mundo. Giora Feidman, descendente de 4 gerações de “klezmorim” (músicos de klezmer), descreve o verdadeiro klezmer como “...um representante de uma sociedade que sobreviveu 5700 anos. Eu uso o clarinete para expressar a mim mesmo, transferir aos outros minha voz interior. Um *nigun* (melodia tradicional judaica) é mais do que uma melodia; é um modo universal de comunicação. É a linguagem da alma...”¹.

¹ Citado no encarte do CD “Giora Feidman The Magic of the Klezmer”.

Nesta noite especial, no pequeno pátio de um velho edifício de pedras no coração de Tzfat - antiga cidade sagrada e importante centro de estudos de Kabalah² - Giora e seu clarinete, músico e instrumento praticamente indistinguíveis, fala, grita, ri, chora, dança, canta. Música além de melodias conhecidas. Música que desperta vibrações escondidas dentro de nós, o público; a voz interna do artista conectando-nos através dos tempos com milhares de outros que vieram antes dele.

Um pesquisador atual de klezmer define esta tradição musical como sendo a combinação de melodias populares e orações hassídicas³, o que o levou a usar o termo "um casamento entre o céu e a terra". Um termo que evoca a contínua tensão entre nossa efêmera existência e o que é além do reino de nossas vidas concretas, nossa existência imaterial dentro do contexto de "um sentido maior das coisas", que já existia antes de nós e que continuará depois. Uma dupla conexão comum a todos nós seres humanos, em pé sobre duas pernas, suspensos entre o céu e a terra.

E o que tudo isto tem a ver com teatro? Com a arte de ator que eu e meus colegas atores-pesquisadores tanto nos preocupamos? Muito simplesmente, o que eu acredito ser, dentro de nossa vida de suspensão entre o céu e a terra, nossa busca como artistas: nos tornarmos nosso próprio "instrumento de canto". Eu sempre me deparo com este conceito seja através do trabalho de músicos, dançarinos, atores, palhaços, cantores. O dançarino e coreógrafo de Butoh Tadashi Endo, com quem o Lume teve o privilégio de trabalhar e criar "Shi-Zen, 7 Cuias"⁴, disse, em referência a esse espetáculo: "Nossa vida nesta terra é só um período dentro da nossa existência toda. O corpo visível envolve nossas almas como um presente embrulhado num papel ou tecido maravilhoso; assim não o podemos ver antes de abrir".

E como conseguimos abrir este papel e deixar este presente (nos 2 sentidos da palavra, acho...) visível? Giora Feidman e os outros mestres, durante uma aula que pude assistir, corrigiam afinação, notas, escalas, respiração, os ritmos e tempos certos. Mas o foco principal deles, usando uma gama variada de estímulos, era exigir sutilezas e escutas maiores do que a simples execução técnica das notas, na tentativa de provocar algo mais profundo no aluno. Eles diziam: "toque as notas como se você tivesse colocado a mão em algo muito quente que está queimando"; "use a respiração para dosar a energia, pense quando a gente consegue quebrar um vidro apenas com uma pequena pedra"; "não disperse a energia, conserve-a para o que vem depois"; "repita a frase de uma outra forma,

agora outra, outra, outra..." - e assim exaustivamente, até que do desespero, do não saber, algo de interessante aparecia - ou simplesmente (e por isso, o mais difícil): "Não! Mas isso é vida!" e "Onde está a sua personalidade?" A aula terminou com Giora tentando explicar: Toque como se você estivesse cantando. É como se seu instrumento fosse seu próprio corpo e o som dele sua própria voz. E eu pensei, "exatamente o que tentamos conseguir com o nosso 'instrumento ator!'" Reafirmando novamente que os princípios se repetem, não importa qual a forma artística.

"Entre o céu e a terra..." Lembro-me de que na época dos ensaios com Tadashi trabalhávamos exaustivamente com a imagem de estar pendurados, suspensos entre a terra e o céu, andando como se um fio tênue nos segurasse. No momento seguinte imaginávamos que esse fio era cortado e assim caíamos de repente no chão. O importante era não antecipar a "queda", fingi-la ou forçá-la, mas que ela acontecesse "de verdade", num determinado momento preciso. Depois de um tempo bastante prolongado de repetição dessa dinâmica, cada um começou a entrar num ritmo de movimentos que não era mais conduzido por nossa mente racional que tentava realizar o exercício, mas como se fôssemos conduzidos por uma música interna que tomava conta do nosso corpo e o guiava, sem a nossa vontade. Talvez por um momento, sendo um "kli-zemer", um "instrumento do canto" da nossa própria voz interna. Tornando visível o invisível. O céu se encontrando com a terra.

Estes fragmentos de pensamentos, associações quase aleatórias, me parecem uma tentativa de colocar em palavras o que na verdade é um trabalho de muitos anos, de uma vida. Presenciar isso no outro, como no caso de verdadeiros mestres como Giora Feidman e Tadashi Endo, só pode servir para melhor iluminar este caminho, na construção do nosso próprio "kli-zemer".

² Misticismo judaico.

³ Movimento judaico religioso ortodoxo originando no século 18 que enfatiza a louvação a Deus através do canto e da dança.

⁴ Curiosamente a palavra "kli" significa também um "objeto que contém", como bacia ou cuia, a ser, no contexto de nosso espetáculo, preenchido pelo próprio ser - ou canto interior - de cada um dos 7 atores.